

Equilibrando-se numa corda bamba: assimetria e simetria em “Uns braços”

DIVANIZE CARBONIERI*

RESUMO: No conto “Uns braços”, assim como em outras obras de Machado de Assis, é possível identificar a dinâmica das relações entre as classes sociais e principalmente entre os gêneros do Brasil oitocentista. Elementos fundamentais no estabelecimento dos códigos sociais de conduta da época, como o interesse, o favor, a bajulação e o despistamento, aparecem dissecados de forma crítica e até mesmo irônica na narrativa. O objetivo deste trabalho é examinar as assimetrias e simetrias entre homens e mulheres delineadas nesse conto pelo posicionamento e movimentação das personagens de acordo com esses elementos.

PALAVRAS-CHAVE: Assimetrias; Classes Sociais; Gêneros; Machado de Assis; Simetrias.

ABSTRACT: In the short story “Uns braços”, as well as in other works by Machado de Assis, it is possible to identify the dynamics of the relationships between social classes and especially genders in nineteenth-century Brazil. Key elements in the establishment of social codes of conduct at the time, such as interest, favor, flattery and cheating, are critically and even ironically dissected in the narrative. The aim of this paper is to examine the asymmetries and symmetries between men and women outlined in that short story by the characters’ positioning and movement according to those elements.

KEYWORDS: Asymmetries; Genders; Machado de Assis; Social Classes; Symmetries.

* Departamento de Letras – Instituto de Linguagens – Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – 78060-900 – Cuiabá - MT – Brasil. E-mail: divacarbo@hotmail.com

Introdução

Machado de Assis retratou a difícil dança dos relacionamentos entre homens e mulheres em seu tempo. Essa dança era certamente uma movimentação restrita por códigos de conduta que variavam de acordo com a classe social, faixa etária e estado civil dos participantes. Bem distante da igualdade entre os gêneros, que ainda não conquistamos nem no século XXI, tais relações regiam-se muitas vezes por aproximações e afastamentos momentâneos dentro do que era possível se obter.

O objetivo deste trabalho é demonstrar que o conto “Uns braços” de Machado de Assis apresenta, assim como “Missa do galo” e “Noite de Almirante”, relações amorosas entre homem e mulher norteadas ora pela simetria, ora pela assimetria.¹ Numa primeira leitura de “Uns braços”, o que se torna mais visível é a relação assimétrica entre os pares, que aparece delineada ao redor de dois eixos, cada qual com dois campos de força, sendo o primeiro aquele que se estabelece entre D. Severina e Borges, e o outro, aquele que se dá entre ela e o jovem Inácio.

Os dois eixos têm em comum o personagem feminino. Contudo, D. Severina desempenhará papéis opostos em cada um deles. Podemos dizer que ela se relaciona com Borges a partir de uma posição mais fraca, inferior, enquanto que sua relação com Inácio a coloca numa posição mais forte, superior. Mas esses posicionamentos não são estanques. Ao contrário, o deslocamento realizado por D. Severina ao longo desses dois eixos ou o seu equilibrar-se sobre uma corda bamba é o que parece se estabelecer como motivo principal do conto, como veremos.

Favor e despistamento

Não sendo propriamente casada com Borges², a dependência de D. Severina em relação a ele é ainda maior do que seria a de uma esposa legítima. No Brasil do século XIX, as mulheres estavam longe de gozar dos mesmos direitos sociais que os homens. E a situação se agravava para aquelas que estavam fora do casamento, pois havia bem poucas alternativas para a sobrevivência. Quando não havia a possibilidade de serem sustentadas pelos pais ou parentes, restavam-lhes apenas alguns tipos de trabalho doméstico ou, na pior das hipóteses, a prostituição. Ocupando na casa de Borges a posição de esposa - sem o ser -, D. Severina está justamente se equilibrando como pode nessa corda bamba da sobrevivência, desempenhando ao mesmo tempo as funções de verdadeira dona da casa e agregada ou amante. É uma relação regulada não por um contrato de casamento, que estabeleceria direitos e deveres para ambas as partes, mas pela dinâmica dos favores dispensados pelo homem em relação à

¹ Por simetria, entendemos as relações de aproximação ou afinidade entre os personagens, ao passo que a assimetria corresponde às suas disparidades ou afastamentos.

² O narrador do conto nos informa que D. Severina “vivia com ele [Borges] maritalmente há anos” (ASSIS, 1994, p. 16).

mulher e vice-versa. Ela depende, para sobreviver, da boa vontade de Borges, que é o único proprietário e mantenedor da casa, e ele pode, assim, ter uma mulher para cuidar de seu lar e compartilhar o leito, sem, contudo, assumir o mesmo grau de compromisso de um casamento, principalmente no que se refere ao aspecto material da comunhão de bens.

Já no segundo caso, no relacionamento entre D. Severina e Inácio, os papéis se invertem: é o homem, ou melhor dizendo, o rapaz, que se coloca numa posição inferiorizada diante da mulher. Para Inácio, D. Severina é a mulher do patrão, o dono da casa em que ele próprio vive de favor, e essa associação a coloca num patamar social acima do seu, ainda que nem ela nem Borges sejam exatamente ricos. Além disso, a pouca idade do rapaz - ele tem apenas quinze anos enquanto ela tem vinte e sete - e sua consequente inexperiência são fatores que possibilitam um desnível ainda maior. Finalmente, a paixão que sente por ela ou, mais precisamente, pelos seus braços, único consolo em sua vida cheia de solidão e silêncio, a transforma numa espécie de objeto de culto para ele.

Como se pode perceber, a questão do favor, da dependência, é fundamental para o posicionamento das personagens em relação a seus pares dentro de cada eixo. Mas isso não é tudo; além de nortear as relações entre homem e mulher, o favor também marca o relacionamento entre Borges e Inácio. Inácio é um agregado na casa de Borges, assim como o jovem narrador de “Missa do galo” o é na casa do escrivão Meneses. Contudo, entre os dois personagens, há um diferencial importante. Se o narrador de “Missa do galo” está hospedado na casa do escrivão enquanto estuda para prestar exames de admissão, Inácio desempenha a função de aprendiz de Borges, que é solicitador, uma antiga palavra para designar um procurador, auxiliar de advogado ou despachante. No entanto, não recebe nenhuma remuneração por isso, além de casa e comida. É como se Borges lhe estivesse oferecendo um benefício desinteressado, ensinando-lhe os misteres de sua profissão, mas o fato é que explora o trabalho gratuito do rapaz.

Segundo Roberto Schwarz (1977), a colonização produziu, no Brasil, três classes sociais: 1) os latifundiários ou proprietários; 2) os escravizados, que, juntamente com as terras, também eram propriedade dos primeiros; e 3) os “homens livres”, chamados assim porque não eram escravizados, mas cuja liberdade era apenas relativa, atrelada a uma dependência em relação aos proprietários. Para o autor, o que norteia a relação entre a primeira e a terceira classe não são exatamente as relações trabalhistas, mas o favor, uma espécie de instituição brasileira que se caracteriza por ser antiliberal por excelência, pois enquanto a “civilização burguesa postulava a autonomia da pessoa, a universalidade da lei, a cultura desinteressada, a remuneração objetiva, a ética do trabalho”, [o favor] “pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais” (SCHWARZ, 1977, p. 16). Assim, pode-se dizer que o que se dá entre Borges e Inácio é um relacionamento entre proprietário e “homem livre” mediado pelo favor.

O rapaz foi colocado nessa posição pelo próprio pai, um humilde barbeiro, que deseja ver o filho tornar-se procurador porque pensa que essa é uma atividade rendosa. Nesse ponto, aparece delineada, ainda que sutilmente, uma diferença de *status* entre o trabalho braçal (ou manual) e o trabalho burocrático dos escritórios e foros. Sendo barbeiro de profissão, uma

atividade notadamente manual, o pai de Inácio, ao invés de ensinar ao filho as atribuições de seu ofício, prefere colocá-lo a serviço de Borges, sem que, no entanto, suas funções de aprendiz sejam sequer definidas: “[o] pai [...] pô-lo de agente, escrevente, ou que quer que era, do solicitador Borges” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 16).

Assim, o que fica patente é que, para o pai de Inácio, qualquer atividade relativa ao trabalho dos foros é preferível aos ofícios manuais. Porém, aparece no conto, por parte do narrador, uma certa ironia em relação a tudo isso, uma espécie de questionamento a respeito da eficácia ou adequação da escolha do pai de Inácio, afinal, Borges não devia ganhar tão bem assim, pois D. Severina trazia os braços à mostra, “não por faceira, senão porque já gastara todos os vestidos de mangas compridas” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 17). Além disso, o “treinamento” de Inácio é bastante doloroso para o menino. Ele está constantemente exposto à violência de Borges, que não o trata muito melhor do que a um escravizado, dirigindo-lhe impérios e ameaçando-o com surras de pau. Não parece haver ainda na vida do rapaz muito espaço para outras atividades, como, por exemplo, o lazer:

Havia cinco semanas que ali morava, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escrivães, aos oficiais de justiça. Voltava à tarde, jantava e recolhia-se ao quarto, até a hora da ceia; cejava e ia dormir (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 18).

A própria possibilidade de aprendizagem aparece delimitada pelo favor da relação proprietário-homem livre. Nesse esquema, a instrução só está ao alcance de poucos, e o mérito pessoal pouco ou nada importa. O aprendiz se coloca sob o jugo de um mestre que possui o poder do conhecimento do ofício ou dos trâmites necessários para dominá-lo. O mestre pode, a seu bel-prazer, repassar ao aprendiz esses conhecimentos, utilizando os métodos que quiser. O conto de Machado de Assis revela que a violência é não raro o principal método utilizado nessa “pedagogia”.

A violência de Borges contra Inácio aparece também nos momentos em que o rapaz não está trabalhando. O que fica evidente é que o solicitador não suporta que o jovem se distraia. A cena inicial do conto deixa isso evidente ao retratar uma refeição em família, em que o jovem examina os braços de D. Severina até se esquecer de tudo ao seu redor, não percebendo mesmo que Borges lhe oferecia o prato de comida. A distração enfurece o dono da casa, não porque perceba o desejo do rapaz por sua mulher, mas simplesmente porque não suporta que alguém seja tomado por devaneios diante dele.

Mais adiante, o narrador nos revela algo que pode explicar esse traço da personalidade do solicitador. Ele diz que Borges é “um trabalhador de primeira ordem” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 19). O que significa ser um trabalhador de primeira ordem? Provavelmente indica que não há espaço na vida de Borges para nada além do trabalho, para os divertimentos, para o prazer. Num outro momento, por exemplo, D. Severina é surpreendida pelo marido absorta, pensando em Inácio e, para despistá-lo, inventa logo uma desculpa, dizendo que ambos precisavam visitar a comadre Fortunata. Borges rechaça o convite da mulher, afirmando que

“trabalhava como um negro, [e] não estava para visitas de parola” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 19). Percebe-se aqui um posicionamento que dissocia o trabalho do prazer e associa esse último à preguiça, à indolência, considerando-os como elementos nefastos. É a lógica do lucro, do “tempo é dinheiro” do sistema capitalista. Para que essa lógica se imponha, é preciso que se afaste a preguiça do corpo a qualquer custo, mesmo que sejam necessárias surras de pau, como as que Borges ameaça dar em Inácio. No entanto, como não é realmente um escravizado e como se mantém subserviente, a violência física não se efetiva. O favor é também esse expediente que pode afastar o castigo corporal, desde que o aprendiz sempre reverencie a superioridade do mestre.

Nessa antinomia trabalho-prazer, estabelece-se ainda um contraste entre as personalidades de Borges e Inácio. A respeito do desempenho do rapaz, Borges afirma:

Confunde-me os papéis todos, erra as casas, vai a um escrivão em vez de ir a outro, troca os advogados: é o diabo! É o tal sono pesado e contínuo. De manhã é o que se vê; primeiro que acorde é preciso quebrar-lhe os ossos (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 16).

Nesse sentido, a natureza de Inácio se caracteriza por ser mais delicada do que a de Borges. O rapaz é mais um sonhador do que trabalhador, “tem olhos de rapaz que sonha, que adivinha, que indaga” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 16), ao passo que Borges, além de ser um “trabalhador de primeira ordem” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 19), abarrota-se de comida, fuzila ameaças, descompõe as pessoas. Um é dado a devaneios e leituras de folhetos de histórias românticas, enquanto o outro se caracteriza pela grosseria e pela zanga. Além do mais, o jovem Inácio tem a seu favor uma certa beleza física, uma “cabeça inculta, mas bela” [e um corpo] “não destituído de graça, ainda que mal vestido” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 16).

Esses atributos certamente não escapam à D. Severina e, na verdade, ela parece tê-los percebido bem antes do jantar do início do conto, apesar de o narrador afirmar que foi essa a primeira ocasião em que ela desconfiou da atração de Inácio por ela. Isso porque parece estar querendo proteger o rapaz da reprimenda e das ameaças de Borges desde o começo: “D. Severina tocou-lhe no pé [de Borges], como pedindo que acabasse. Borges espeitorou ainda impropérios, e ficou em paz com Deus e os homens” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 16).

Esse gesto sutil de D. Severina revela, no mínimo, dois importantes aspectos da personalidade dela. Em primeiro lugar, indica uma inclinação ainda inconsciente de sua parte em relação a Inácio. Se não uma atração, essa propensão assinala pelo menos uma simpatia pelo rapaz e uma não concordância com a atitude do marido. Em segundo lugar, tal ato demonstra que ela é uma mulher dependente sim, mas conhecedora dos meandros existentes em sua relação com Borges. Ela sabe lidar com ele, podendo inclusive manipulá-lo, e acaba conseguindo o que quer, fato que lhe confere um certo poder. Tanto é assim que, através de seu gesto delicado e aparentemente inofensivo, consegue fazer Borges calar-se em pouco tempo, deixando o jovem em paz.

Nisso se estabelece também uma diferença entre D. Severina e Inácio. Enquanto ela, muito mais experiente, sabe portar-se diante do mais forte, utilizando-se de armas tradicionalmente consideradas femininas, como a dissimulação e a aparente submissão, Inácio não sabe nem sequer bajular o patrão. A bajulação é uma atividade imperiosa para regular as relações do dependente com o proprietário no sistema do favor, e o narrador não deixa dúvidas quanto a isso, quando revela, a respeito de uma outra ocasião, que

Inácio chegou ao extremo de confiança de rir um dia à mesa, coisa que jamais fizera; e o solicitador não o tratou mal dessa vez, porque era ele que contava um caso engraçado, e *ninguém pune a outro pelo aplauso que recebe* (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 20, grifo nosso).

Sendo ainda muito infantil, Inácio não se apercebeu dessa regra social que poderia salvá-lo da violência constante de Borges ou ao menos amenizá-la. Porém, o mesmo não se pode dizer de D. Severina. Ela é uma mestra nas artes do despistamento e é justamente por isso que logra sobreviver pendurada nessa corda bamba, nessa situação de esposa-concubina, de proprietária-agregada da casa. O mesmo não acontecerá com Inácio, que acabará tendo que deixar a residência antes que seu “treinamento” se conclua.

Entre D. Severina e Inácio não se estabelecem somente relações assimétricas, mas também simétricas ou de aproximações, como dissemos anteriormente, no início desse ensaio. Alfredo Bosi (2007), ao analisar as motivações da personagem Genoveva do conto “Noite de almirante”, assinala dois momentos distintos para a relação entre ela e o marujo Deolindo. Primeiro, afirma o crítico, existe uma simetria entre os dois, possibilitada pelo amor e por uma jura de fidelidade realizada com sinceridade. Contudo, num segundo momento, a simetria transforma-se em assimetria, quando Deolindo volta de sua viagem e encontra Genoveva casada com um mascate, homem de mais posses que o marinheiro. Comentando a frase do narrador do conto a respeito da proximidade com a natureza, Bosi declara que a natureza “não conheceria pecado, nem culpa, nem remorso, apenas necessidades” (BOSI, 2007, p. 113). A situação em “Uns braços” obedece a um esquema bastante semelhante a esse traçado por Bosi, com o diferencial de que as relações entre Inácio e D. Severina começam numa assimetria, partem para a simetria e retornam novamente à assimetria.

Se existe uma assimetria entre eles ocasionada pela posição que cada um ocupa na casa (e na vida) de Borges, também se delinea uma relação simétrica, já que ambos dependem do solicitador e são vítimas de sua opressão. Esses fatores, em virtude de sua força, acabam transformando aquela assimetria do início, causada pelo contraste entre mulher do patrão e agregado, em algo apenas superficial. A violência que Borges manifesta em relação a Inácio, por exemplo, aparece também no seu relacionamento com a mulher:

— Que é que você tem? disse-lhe [a D. Severina] o solicitador, estirado no canapé, ao cabo de alguns minutos de pausa.

— Não tenho nada.

— Nada? Parece que cá em casa anda tudo dormindo! Deixem estar, que eu sei de um bom remédio para tirar o sono aos dorminhocos (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 18-19).

Esse “remédio” mencionado por Borges refere-se à mesma surra de vara com a qual o solicitador ameaçara Inácio no início do conto. Assim como o rapaz, mesmo já tendo quinze anos, pode apanhar na opinião do solicitador, também D. Severina, mesmo sendo sua mulher, pode muito bem levar uma surra se ele, Borges, assim o desejar. O fato de ela ser mulher – a sua própria mulher – não impede que a ameace com a violência física. O que ele quer mais uma vez é tirar o sono aos dorminhocos, ou seja, acabar com a preguiça, com o desfrute dos outros. Tal atitude é típica de alguém que coloca o trabalho acima do prazer e que se rege por uma moralidade rígida, cerceadora das liberdades do corpo e dos impulsos. Aliada à concentração dos esforços na busca por lucro, essa moral repressora contribui para restringir as relações humanas a trocas motivadas por interesse, sem permitir a vazão de sentimentos e sensações mais libertadores.

D. Severina também é tratada por Borges quase do mesmo modo como ele trataria um escravizado. Ela também não pode desfrutar de um momento ocioso, de deleite, sem ser ameaçada. Assim, a atitude de Borges para com a mulher também revela muito da repressão sexual que deve nortear o relacionamento do casal. No único momento em que existe um afago entre eles, por exemplo, é o medo e mais uma vez a tentativa de despistamento que conduzem os gestos de D. Severina: “D. Severina apaziguava-o com desculpas [...], e fazia-lhe carinhos, a medo, que eles podiam irritá-lo mais” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 19). Um homem que se irrita com os carinhos da mulher possivelmente não é um amante satisfatório, e o fato de ela ter medo de tocar-lhe indica que não se sente segura para demonstrar seu afeto ou desejo.

Por ser bonito e jovem, além de mais “indolente” e delicado que Borges, Inácio representa a possibilidade de conflito para essa situação de repressão sexual. Ele é um terceiro elemento nessa circunstância já viciada e, portanto, representa uma nova alternativa. A impressão que se tem é que ele e D. Severina têm em comum, embaixo de toda a repressão, uma natureza sensual prestes a emergir. Além dos braços nus, “belos e cheios” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 17), o narrador menciona que D. Severina, ao andar, “tinha meneios engraçados” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 17). Os meneios são indicativos de um movimento sensual, de uma certa voluptuosidade, que existe na personagem e que a aproxima de Inácio. Sendo assim, não é difícil adivinhar que entre eles logo ocorrerá uma atração.

Os braços de D. Severina são o marco dessa atração. Aparecem como que recortados, não só do corpo da personagem, mas do corpo da própria narrativa, já que inclusive são destacados para dar nome ao conto. Na vida de Inácio, como bem declara o narrador, aqueles braços representavam um parêntese diante da rotina dura e fastidiosa que ele levava. Toda a energia sensual do rapaz, reprimida por um cotidiano em que o prazer não tinha vez, fora investida nesses pedaços de corpo de mulher, dando-lhes autonomia. Num universo em que o corpo está cerceado, em que a indolência e o desfrute precisam ser impedidos à custa de golpes de vara de marmelo, esses braços vão representar um novo movimento, uma nova possibilidade de irrupção daquela energia aprisionada.

Não é a primeira vez que braços de mulher aparecem, na obra de Machado de Assis, investidos de uma sensualidade concentrada, uma vez que está deslocada das outras partes

do corpo, que permanecem interdidas por uma moral repressora. Em “Missa do galo”, os braços de D. Conceição aparecem apenas parcialmente revelados pelas mangas do roupão, causando no narrador grande impressão. A descrição que ele faz deles aproxima D. Conceição das heroínas de histórias românticas que o próprio narrador estava acostumado a ler. Para os olhos do jovem, os braços da mulher de Meneses parecem claros, magros e cheios de veias azuis. Também no romance *Dom Casmurro*, a imagem dos braços femininos aparece recortada, nomeando um capítulo do livro. Os braços de Capitu são bonitos e exercem grande fascínio em Bentinho:

Eram [os braços] mais belos da noite, a ponto que me encheram de desvanecimento. Conversava mal com as outras pessoas, só para vê-los, por mais que eles se entrelaçassem aos das casacas alheias. Já não foi assim no segundo baile; nesse, quando vi que os homens não se fartavam de olhar para eles, de os buscar, quase de os pedir, e que roçavam por eles as mangas pretas, fiquei vexado e aborrecido (MACHADO DE ASSIS, 1999, p. 140-141).

Nesse trecho, pode-se perceber que todo o desejo do narrador-observador concentra-se nos braços da mulher - e não exatamente nela como um todo. A intensidade desse desejo separa de uma certa forma a parte do todo, conferindo aos braços uma autonomia, nesse caso, meio que maligna. Todo o ciúme do narrador é deslocado, projetado nos braços de Capitu, que a partir daí, passam a ser, no entender do próprio Bentinho, os responsáveis por seu ciúme, uma vez que atrairiam os olhos de outros homens.

Podemos verificar algumas aproximações entre esses dois exemplos e o conto que é o objeto de nosso estudo neste ensaio. Inicialmente, pode-se dizer que, assim como o narrador de “Missa do galo”, Inácio verá a imagem de D. Severina nas histórias dos folhetos românticos que lê à noite. A diferença é que os braços de D. Severina são cheios, macios, aparecendo completamente nas mangas, que vão só até meio palmo abaixo dos ombros. Essa corpulência de D. Severina (e de seus braços) a aproxima da sensualidade dos braços de Capitu. O mesmo olhar intenso de desejo que Bentinho dirige aos braços da mulher aparece em Inácio. Ele também realiza, como dissemos, uma espécie de recorte desses braços, mas com uma diferença. Para Inácio, a figura dos braços de D. Severina representa uma trégua, uma válvula de escape, no meio da vida difícil que vinha levando, aparecendo, então, como um elemento positivo, vitalizador.

Por outro lado, começando com uma simpatia ainda inconsciente, que já assinalamos, a inclinação de D. Severina por Inácio vai se tornando cada vez mais intensa. Nesse processo, o jantar do início do conto representa um ponto chave, pois é a partir dele que os sentimentos de Inácio em relação a ela e os dela em relação a ele começam a ser examinados pela consciência de D. Severina:

D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou de alguma cousa. Rejeitou a idéia logo, uma criança! Mas *há idéias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam* (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 18, grifo nosso).

A imagem do movimento das moscas teimosas, que ora voam, ora pousam no mesmo lugar, define bem os processos de pensamento de D. Severina a partir daquele momento. Ela desconfia que Inácio possa estar interessado nela, em seguida rejeita a ideia e depois torna a convencer-se disso. A ideia, antes de aborrecê-la, a envaidece, afinal o rapaz é jovem e gracioso, e com a possibilidade desse desejo ela se sente também bela. Porém, admitir para si mesma que tenha ficado feliz com o interesse do rapaz é coisa que não pode fazer, em virtude do que o narrador chama de uma complicação moral. Na verdade, D. Severina não pode prescindir de sua “máscara”. Nós, leitores, guiados pelo narrador, já adivinhamos, contudo, o que ela deseja sem admitir:

Não, não, ilusão não era. E logo recolhia os indícios vagos, as atitudes do mocinho, o acanhamento, as distrações, para rejeitar a idéia de estar enganada. Daí a pouco (capciosa natureza!), refletindo que seria mau acusá-lo sem fundamento, admitiu que se iludisse, para o único fim de observá-lo melhor e averiguar bem a realidade das cousas (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 19).

Sem poder confessar para si mesma que deseja corresponder aos olhares do moço, D. Severina arranja uma desculpa para poder observá-lo, salvaguardando, assim, o conceito que faz de si mesma. Mas por que ela agiria dessa forma? Comentando a caracterização dos personagens dos contos e romances de Machado de Assis a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Papéis avulsos*, Bosi afirma que por mais

curiosas que sejam as cabriolas do pensamento e estranhas as fantasias do desejo, não há outro modo de sobreviver ao cotidiano, senão agarrando-se firme às instituições; estas, e só estas, asseguram ao frágil indivíduo o pleno direito à vida material e, daí, ao doce lazer que lhe permitirá balançar-se naquelas cabriolas e fantasias (BOSI, 2007, p. 84-85).

D. Severina precisa manter para si mesma a imagem da esposa; qualquer deslize seu e essa imagem, que repousa sobre bases sutis, se desmanchará, comprometendo a sua sobrevivência, o seu “pleno direito à vida material” (BOSI, 2007, p. 84-85). Assim, qualquer incursão sua fora desse terreno tem que ser acompanhada por um despistamento, não só em relação ao marido, mas também em relação a si mesma. Esse despistamento é novamente desmascarado pelo narrador em outro momento:

Já se persuadia bem que ele era criança, e assentou de o tratar tão secamente como até ali, ou ainda mais. E assim fez; Inácio começou a sentir que ela fugia com os olhos, ou falava áspero, quase tanto como o próprio Borges. De outras vezes, é verdade que o tom da voz saía brando e até meigo; assim como o olhar, geralmente esquivo, tanto errava por outras partes, que, para descansar, vinha pousar na cabeça dele; mas tudo isso era curto (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 19-20).

O despistamento é uma estratégia de sobrevivência tão importante para D. Severina que ela não pode abandoná-lo nem mesmo quando está sozinha. Ela resiste a se deixar levar

pela atração por Inácio provavelmente porque isso poria em risco a vida confortável que tinha ao lado de Borges. Acostumada a dissimulações para manter o interesse de um homem que não a desposou - e que, portanto, poderia deixá-la a qualquer momento -, ela também parece tentar enganar-se, talvez para proteger-se da frustração por viver uma vida de mentira.

D. Severina é mais um dos personagens femininos de Machado de Assis que lutam por uma ascensão social. Lúcia Miguel-Pereira (1973) reconhece nisso um reflexo da própria biografia de Machado de Assis, que, sendo mulato e oriundo de um meio desprestigiado, logrou instalar-se na sociedade carioca do século XIX. Para retratar, em suas obras, o seu próprio drama,

lançou mão do subterfúgio habitual dos romancistas: meteu-se na pele das suas criaturas, por meio delas armou a equação que lhe permitiria resolver o problema. Apenas, com a sutileza que sempre o distinguiu, e para melhor livrar-se de possíveis indiscrições, escolheu para tal fim tipos femininos. Nos livros acima citados, há sempre uma moça modesta que sonha ascender a um nível superior ao seu. Tratando-se de mulheres, em época na qual o casamento era a sua única oportunidade, os conflitos se travavam em torno do amor (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 65-66).

Dessa forma, um dos temas mais importantes para Machado de Assis é a questão do interesse, da ambição, que estão na base das relações intermediadas pelos favores. Como a Genoveva de “Noite de almirante”, a D. Severina de “Uns braços” está unida a um homem por interesse. E tanto aqui como lá o interesse se configura numa espécie de segunda natureza para a personagem. É ao interesse, tão imperioso quanto os instintos básicos, que o narrador daquele conto se refere quando menciona a proximidade com a (segunda) natureza. Se a partir do ponto de vista dos instintos sensuais, do desejo, Borges não parece ser o melhor parceiro, do ponto de vista da segunda natureza, do interesse, ele é o que certamente apareceu de melhor na vida de D. Severina. E a sua decisão final será a de manter o casamento e afastar Inácio da casa.

O ápice da simetria entre D. Severina e Inácio configura-se na cena do beijo. É também esse o momento a partir do qual uma assimetria definitiva se estabelece entre eles. Toda a movimentação que conduz a esse momento é cuidadosamente descrita por Machado de Assis. Inácio está recostado na rede a admirar as gaivotas, enquanto D. Severina agita-se no interior da casa. E podemos perceber uma correspondência entre o movimento das gaivotas e o da mulher:

Divertia-se [Inácio] em olhar para as gaivotas, que faziam grandes giros no ar, ou pairavam em cima d'água, ou avoaçavam somente.

[...]

Então [D. Severina] entrou e foi sentar-se no canapé. Parecia fora do natural, inquieta, quase maluca; levantando-se, foi pegar a jarra que estava em cima do aparador e deixou-a no mesmo lugar; depois caminhou até a porta, deteve-se e voltou, ao que parece, sem plano. Sentou-se outra vez, cinco ou dez minutos. De repente, lembrou-se que Inácio comera pouco ao almoço e tinha o ar abatido, e advertiu que podia estar doente; podia ser até que estivesse muito mal.

Saiu da sala, atravessou rasgadamente o corredor e foi até o quarto do mocinho, cuja porta achou escancarada (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 20-21).

O movimento inquieto, ansioso de D. Severina tem muito a ver com o das gaivotas, que ora fazem giros no alto do céu a preparar a posição para o bote sobre os peixes, ora pairam sobre as águas no instante da captura e voltam a voar novamente. Da mesma forma, D. Severina também prepara uma espécie de ataque. Os seus movimentos, ainda que pareçam desorientados, são, na verdade, tão precisos quanto os das gaivotas e a levam diretamente para a sua “presa”. Segundo Miguel-Pereira, Machado de Assis compreendeu a natureza “em função do homem, como um cenário mutável segundo o estado de espírito dos atores, ao qual só o elemento humano infundia uma alma” (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 85). Assim, a natureza funciona como um reflexo dos sentimentos e ações da personagem.

Inácio é quem está a admirar as gaivotas. À frente de seus olhos desenrola-se um balé simétrico àquele que é executado por D. Severina no interior da casa. Ao adormecer, a cena que ele vê se transforma efetivamente na imagem dela. A simetria alcança, então, o mundo do sonho. E o sonho de Inácio funciona como uma espécie de espelho para D. Severina, um espelho cego por assim dizer, uma vez que não é ela que se vê, mas ele que a enxerga, com os olhos do sonho. Ela não pode ver o que se desenrola dentro dele e ele não pode ver a imagem real que se move à sua frente. As duas figuras coincidem no breve instante do beijo - é o ápice da simetria - para em seguida se afastarem definitivamente.

Nesse momento, percebe-se a importância do poder de decisão de D. Severina. É ela que se move em direção a Inácio, é ela que o beija - ele nem sequer perceberá que tal beijo ocorreu realmente - e é ela que decide se afastar, inclusive cobrindo os braços com um xale, sinal concreto da barreira que a partir dali irá colocar entre si mesma e o rapaz. Esse afastamento configura-se numa atitude consciente por parte da mulher, que decide continuar com Borges sem demonstrar posteriormente nenhum remorso ou arrependimento. Ela nem sequer se despede de Inácio, deixando que Borges o despache sozinho.

Considerações finais

O beijo dado por D. Severina em Inácio interrompe por um instante o controle a que ela se impunha, permitindo-lhe um breve deleite de prazer. No entanto, ela parece assustar-se consigo mesma e com a extrema liberdade que pode advir desse ato impensado. É arriscado entregar-se à atração por Inácio não apenas pelo receio de ser descoberta por Borges (e o que ele não faria se a visse beijando o rapaz?), mas principalmente porque, agindo assim, pode pôr a perder todo esforço despendido para manter-se em sua relação de conveniência. Se não puder mais restringir-se e esconder os próprios sentimentos, talvez não seja mais capaz do despistamento que tantas vantagens parece ter lhe trazido até então. Sua vida material estaria, assim, ameaçada. Se o desejo é um impulso imperioso para o ser humano, o interesse (ou segunda natureza) também se impõe com força. E, na sociedade oitocentista brasileira

em que proprietários e agregados realizavam a estranha dança coreografada pelos favores, o interesse parece ter tido primazia sobre qualquer outra forma de relacionamento, pelo menos de acordo com o retrato que Machado de Assis fez dela. Dessa forma, fica evidente que o que vence é a segunda natureza de D. Severina, que se mantém, assim, equilibrada sobre sua corda bamba.

CARBONIERI, D. Balancing on a Tightrope: Asymmetry and Symmetry in “Uns Braços”. *Olho d’água*, São José do Rio Preto, v. 9, n. 1, p. 27–38, 2017.

Referências

ASSIS, M. *Várias histórias*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____. *Dom Casmurro*. São Paulo: Editora FTD, 1999.

_____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Papéis Avulsos*. São Paulo: Mérito, 1962.

BOSI, A. A máscara e a fenda. In: _____. *Machado de Assis: O enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 73-125.

MIGUEL-PEREIRA, L. Machado de Assis. In: _____. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro; Brasília: Livraria José Olympio, 1973. p. 59-107.

SCHWARZ, R. Ideias fora de lugar. In: _____. *Ao vencedor, as batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. p. 09-32.

Recebido em: 18/ 12/ 2016

Aceito em: 20/ 02/2017